

Musicalidade

O tecido estendido no chão. Com 15m de comprimento e 2m de largura criava um caminho dentro do atelier. Branco, vazio, aguardando os passos do artista.

E ele chegava sem muito alarde. “ Vassoura” na mão tirava os sapatos e assim, pisando sobre o tecido, ia caminhando de uma ponta a outra. Deixando atrás de si um rastro da emoção, da criatividade, da energia que naquele instante vibrava em sua alma. No ritmo dos seus passos impregnava naquele longo tecido branco, sensibilidade, vida e arte.

Mas a surpresa só chega depois, quando as imensas telas saem do chão e são colocadas na vertical. O primeiro impacto é causado pela presença física, monumental e de intensa vibração que preenche e hipnotiza o olhar. Uma explosão criativa que, diferentemente das pinturas mais conhecidas do artista, não se estrutura a partir de um gesto da trincha sobre a tela, quase que no tempo de uma única respiração. Aqui não. Nestas “bandeiras” como costumava chamá-las, o artista percorre o espaço generoso do tecido com mais vagar. Vai caminhando e no compasso dos passos direciona a “vassoura” como quem ouve o sussurro da alma. Vai respirando e dando um ritmo ao ato de fazer. E isso faz toda a diferença.

Existe uma tecitura formada pelos movimentos que se repetem ao longo da pintura. E o uso da cor preenche determinados espaços criando harmonia e ritmo. Se nas telas mais tradicionais de Amilcar de Castro a pintura estampa como um raio o gesto mágico do fazer, nas “bandeiras” os momentos da feitura marcados pelos movimentos recorrentes do preto e pelo uso compassado da cor, dão à pintura uma inusitada musicalidade. O uso das cores deixa de ser um contraponto de força para os pretos e brancos e passam a interagir em perfeito equilíbrio com o todo da obra. Como os violinos e os metais de uma sinfonia tecem a grandiosidade da obra.

Esplêndido.

.....

Rodrigo de Castro 08/14